

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007

**O Homem: um universo em miniatura**

Raquel de Fátima Parmegiani

A narrativa do *C Ap* vai, versículo a versículo do *Ap*, envolvendo seus leitores/ouvintes em um drama escatológico: a morte que aproxima-se inexoravelmente; a vida considerada como um prazo concedido ao homem para emendar-se de seus erros fazendo penitência na busca da *Salvação*; e a inapelável e definitiva chegada do *Juízo Final*.

Este drama veio de encontro com um contexto cultural em que o cristianismo teve que conviver com uma religiosidade<sup>1</sup> que caracterizava-se, em certa medida, pela presença da cultura folclórica e, pela diversidade de opiniões sobre seus dogmas – heresias como o adpcionismo. Dentro deste quadro, a obra expressou-se como um anseio da Igreja por englobar todo o universo vivido pelos homens e mulheres para os quais destinou-se. O texto bíblico – *Ap* - foi aqui, utilizado na formação da normatização de um universo cristão.

Como parte de um trabalho de evangelização, o *C Ap* nos permite vislumbrar como estes homens experimentaram sua realidade, como pensaram a sua relação com o mundo, e foram determinando o que seria ser cristão, ao definir as fronteiras nas condutas ou atitudes consideradas incompatíveis com a vinculação do fiel a Cristo.

É certo dizer que o cristianismo em Astúrias esteve muito próximo a uma religiosidade de viés monástico - os monges foram os principais agentes evangelizadores desta região conforme tratamos no capítulo anterior. Por conseguinte, o Beato nos encaminha a um de modelo de cristão ligado a figura do monge. O ideal monástico e o imaginário<sup>2</sup> ligado a literatura apocalíptica, cruzam-se na obra, portanto, frente a uma iminente espera do *Fim dos Tempos* que acompanhou a sociedade do Norte peninsular durante os anos da sua produção.

---

<sup>1</sup> Estamos entendendo religiosidade em um sentido generalizado, ou seja, uma realidade transcendente com a qual pode-se ver relações de ordem cultural, e determinar comportamentos individuais e sociais de caráter ético ou moral. CONDE, Francisco J. *La religiosidade Medieval em Espana. I. Alta Idade Média (séc. VII-X)*. Oviedo: Universidade de Oviedo, 2000, p. 9.

<sup>2</sup> Estamos entendendo por imaginário um: *conjunto de imagens, verbais e visuais, que uma sociedade ou um segmento social constrói com o material cultural disponível para expressar sua psicologia coletiva. Logo, todo imaginário é histórico. Coletivo, plural, simbólico e catártico. Não pode ser confundido com a imaginação, atividade psíquica pessoal que ocorre, ela própria, de acordo com as possibilidades oferecidas pelo imaginário*. FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média. Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 183.

Para o autor, faltavam em suas contas catorze anos para que este fato ocorresse. No entanto, devemos nos lembrar que a apropriação que faz do *Ap* está intrincada à tradição patrística, para a qual esta espera significou algo a ser vivenciada na história da humanidade e em cada cristão individualmente.

Neste ínterim, investigar pelo uso que o autor fez dos elementos narrativos da literatura apocalíptica – mais especificamente a idéia de *Salvação e Juízo Final* – no processo de cristianização do Norte peninsular, nos leva a indagar pelo conceito de escatologia na qual o autor deteve-se. Na linguagem teológica moderna, este conceito nos remete a doutrina das coisas últimas, isto é, o corpo de crenças relativas ao destino final do homem e do universo. A palavra “escatologia” não é atestada no *NT* nem nos textos patrísticos, porém seu conceito fundamental está na base da mensagem destes documentos.<sup>3</sup>

Não há nos autores modernos um acordo sobre os conteúdos que o termo escatologia deve compreender. Oscila-se, com efeito, entre posições que limitam-se a quatro elementos – Parusia, ressurreição, milenarismo, juízo – e definições mais amplas que acrescentam temas como a morte, a condenação, o purgatório, o fim do mundo, a bem-aventurança.

A acepção que será usada neste trabalho é a tradicional. Por conseguinte, o termo indicará um conjunto de eventos finais que referem-se ao fim do homem – tanto individual: escatologia individual; quanto à escatologia da humanidade: escatologia coletiva – e ao fim do Cosmos: escatologia cósmica.

As idéias de escatologia que envolveu o Beato nos levam, primeiramente, a pensar o ser humano na sua relação com o universo. Vendo a si mesmo como um microcosmo, ou seja, um universo em miniatura, o homem na Alta Idade Média hispânica, inclusive o ritmo da sua vida, fazia parte da ordem da natureza e de Deus.

O tema da correspondência entre os dois universos ocupou um espaço considerável nas obras de autores hispânicos como, por exemplo, Isidoro de Sevilha, quem parece ter sido o primeiro autor latino a traduzir, empregar e comentar as palavras microcosmos e macrocosmos. Temos em sua obra uma dinâmica em que os movimentos

---

<sup>3</sup> PIKAZA, Xavier. SILANES, Nero. (dir.). *Dicionário teológico: o Deus cristão*. São Paulo: Paulus, 1988, pp. 264-280.

circulares do macrocosmo acompanham e calculam o tempo dos dias, meses, estações do ano e também a existência do microcosmo humano<sup>4</sup>:

*O mundo está composto de elementos visíveis, que certamente podem ser investigados. O homem, em compensação, integrado por um conjunto de elementos, de certo modo vem a ser um compendio, outro mundo criado. A razão de ser do mundo há que examiná-la partindo do mesmo homem. Com efeito, como o homem, pela prolongação da vida tem seu fim, assim também o mundo, ao dilatar-se no tempo, vai esgotando-se; porque assim como o homem, o mundo, onde parecem aumentar, ai um e outro diminuem.*<sup>5</sup>

A ausência de oposição radical entre o homem e o entorno natural, como vislumbramos no texto acima, corria paralela também com a ausência de oposição entre natureza e cultura. A natureza, na concepção medieval, era a criação de Deus. Devemos ter presente que o primeiro fator com que nos deparamos ao nos aproximarmos da perspectiva do homem religioso medieval na Alta Idade Média é que o mundo foi criado por Deus, e que a própria existência do mundo quer dizer alguma coisa, ele não é algo inerte, sem objetivo e sem significado.

Eliade chama nossa atenção para o fato de que para o homem religioso o *Cosmos* é uma prova de santidade, pois ele foi criado por Deus e, Ele mostra-se aos homens por meio da vida cósmica. É por essa razão que, a partir de certo estágio de cultura, o homem se concebe como um microcosmo. Ele faz parte da Criação de Deus, ou em outras palavras, ele reencontra em si mesmo a santidade que reconhece no *Cosmos*.<sup>6</sup>

A atitude do homem até a natureza não expressou na Alta Idade Média Ibérica, portanto, uma relação sujeito/objeto, mas uma situação na qual o sujeito encontrava-se integrado ao mundo exterior e o percebia como sujeito. O universo era visto com as mesmas qualidades possuídas pelo homem, não existindo fronteiras que claramente os limitasse; como obra divina, esta tornar-se-ia a imagem exemplar da existência humana. Porém, Eliade nos lembra que esta existência “aberta” para o mundo não seria uma existência inconsciente, enterrada na natureza. A “abertura” para o mundo permitiria ao homem religioso conhecer-se

<sup>4</sup> FONTAINE, J. *Isidoro de Sevilla. Gênese y originalidade de la cultura hispánica em tiempos de los visigodos*. Madrid: Ediciones Encoentro, 2002, p. 212.

<sup>5</sup> ISIDORO DE SEVILHA. Sentenças. I, VII, 1-2. In: *Santo Padres españoles*. Madrid: BAC, 1971, v. II.

<sup>6</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. São Paulo: Martins fontes, 1999, p.135.

conhecendo o mundo – e esse conhecimento seria precioso para ele porque tratar-se-ia de um conhecimento religioso, referir-se-ia ao Ser.<sup>7</sup>

Com efeito, a tradição monástica a que o Beato pertenceu trazia na idéia da oração interior justamente esta busca do conhecimento do Ser, ou seja, a purificação do espírito por meio do esvaziamento do coração e da alma que o guiava pelo ritmo vital do corpo até tornar a ser o espelho do macrocosmos ao readquirir sentido numa ordem universal - em si “encerrar as portas dos sentidos” para escutar a voz divina, o que ligava-se a uma praxe de higiene mental; o próprio corpo deveria fazer pulsar o Nome impronunciável (Deus) pelos lábios.

Para os antigos, a voz era gerada pela alquimia dos fluidos internos, coagula-se nos órgãos vitais, perto do coração e do diafragma, precisamente onde reside o *thumós* (que é a força, energia, ira, impulso instintivo); ela refletia-se no microcosmos - corpo humano - o ato musical com o qual a voz de “Aquele Que É” criou na origem, por meio da sua expiração úmida e quente. Na complexa topografia da interioridade do microcosmos, os meandros mais íntimos do corpo, as cavidades úmidas e fecundas permitiam que a voz brotasse aos jorros, abrindo o Eu ao exterior.<sup>8</sup>

E assim, encontrando seu próprio prolongamento no mundo, o homem descobria o universo dentro de si. Era como se um se espelhasse no outro<sup>9</sup>. Como resultado, este microcosmo não era só uma pequena parcela do todo, nem um dos elementos do universo, mas uma espécie de cópia reduzida que o reproduzia. A vida humana foi, portanto, entendida pelo Beato em um plano duplo; desenrolava-se como existência humana e, ao mesmo tempo, participava de uma vida trans-humana, a do *Cosmos* ou de Deus. Daí a imbricação entre escatologia individual e cósmica.

Acrescenta-se na obra, a esta idéia, uma visão bíblica da história universal que entendia o tempo como linear - da criação até o fim do mundo - e, por assim dizer, vetorial, posto que não voltaria a circular sobre si mesmo, ao menos numa perspectiva de uma história total da *Salvação*, distribuída em seis idades sucessivas. O tempo da *história sagrada* era assim, o de toda história humana, tanto coletiva como individual.

---

<sup>7</sup> ELIADE, M. *Op. cit.* p. 137.

<sup>8</sup> *O sopro dos pulmões, o bater do coração e o pulsar do sangue, tanto nas teologias primitivas como em grande parte da metafísica européia, estão unidos pela mesma ligadura metafórica e conceptual que dá coerência à imagem da voz vital do mundo, do som que faz vibrar e fecundar o universo.* BOLOGNA, Corrado. *Op. cit.* p. 72.

<sup>9</sup> GURIEVICH, Aron. *Las categorias de la cultura medieval.* Madrid: Taurus Humanidades, 1990, p. 79.

Na medida em que o corpo foi uma metáfora privilegiada da sociedade e do mundo, também eles estavam envolvidos na mesma decadência. O homem inclinava-se até o seu fim percorrendo as diferentes idades, assim como o mundo do cristianismo medieval, segundo esta teoria, teria entrado na velhice. Neste sentido, é possível encontrar na obra do Beato uma relação direta entre fim do homem e o fim do mundo:

*Todo católico deve entender, esperar e temer, e considerar estes 14 anos como uma hora: e de dia e de noite, em cinza e cilício, chorar tanto pela sua própria destruição como do mundo, e não interessar-se excessivamente da contagem do tempo; e sobre o dia do fim do mundo(...) apenas Deus, conhece. Pense cada um sobre o próprio fim (...) pois quando sai cada um do mundo, é então o fim do mundo(...).<sup>10</sup>*

Todas as coisas estariam contidas no homem e nele residiria toda a natureza das coisas. Ele seria parte considerável da criação total e, se seu grau de existência seria superior a todas as outras criaturas era porque se acercava mais da imagem divina. O microcosmo não deixaria de conservar uma superioridade sobre o macrocosmo, dado que só encontraria seu fim em si mesmo. Esta antropologia religiosa não renunciava, entretanto, em inserir profundamente o homem neste mundo, ao qual encontra-se ligado por todas as fibras do seu corpo, posto estar encerrado no centro da criação. Trata-se de um ser nascido, destinado ao menos a uma morte física; e como tal arrastado pelas ondas de todos os ciclos dos tempos: os ciclos naturais dos astros e os ciclos religiosos de um calendário.

Fontaine afirma que a tomada de consciência da correspondência que ligava de maneira indissolúvel o homem ao tempo e ao Cosmos, equilibraria e iluminaria a fé de modo indispensável em uma religião de criação e de encarnação. Esta tomada de consciência manifestaria, com efeito, a compatibilidade possível, e inclusive desejável, entre esta religião e a cultura antiga no que concerne a explicação do mundo <sup>11</sup>. Ao entendê-lo como obra de Deus, portanto, o homem na Alta Idade Média o coloca como figurante do drama cristológico: *(...) com o canto da multidão dos anjos anuncia-se a salvação dos homens, e a voz da multidão de anjos é a aclamação e o testemunho de toda a criação que manifesta o agradecimento a nosso Senhor pela liberação dos homens da desgraça da morte.* <sup>12</sup>

<sup>10</sup> BEATO DE LIÉBANA. *Comentário ao Apocalipse*, IV, 145-150.

<sup>11</sup> FONTAINE. *Op. cit.* p. 221.

<sup>12</sup> BEATO DE LIÉBANA, *Comentário ao Apocalipse*. III, 515-520.

É necessário destacar que, ao contrário da concepção antiga de mundo que via o homem e o universo como um todo harmonioso, aqui esta dupla era apresentada com uma realidade dualística. O mundo, assim como o homem não poderia ser “belo” porque estava manchado pelo pecado e submetido ao juízo de Deus; o ascetismo cristão os rechaçava, posto que estava submetidos ao “*poder do Maligno*” (1 Jo 5, 19). Por isto, o abandono do mundo era, ao menos em parte, a necessária consequência do amor por Deus.

Como resultado desta dualidade, a noção de “Cosmos” cinde-se no *C Ap* em duas noções opostas: a *Civitas Dei* e a *Civitas terrena*. Esta última se aproximava da noção *Civitas Diaboli*. Os homens e mulheres que liam estas páginas, portanto, viam-se em uma encruzilhada: um caminho conduzia à cidade espiritual do Senhor, a Jerusalém e, o outro a cidade do Anticristo, a Babilônia<sup>13</sup>. Este conflito tinha lugar tanto na história da Igreja, na sua relação com o mundo, quanto na própria alma do homem:

*Duas partes, pois, em Adão e desde Adão são prefiguradas, para advertência do futuro: uma que confessou haver pecado e vive; e outra que não se desliga dos laços do demônio, que o submeteu (...) Desde o mesmo momento que começou Adão a engendrar a ambas as partes, vemos que uma e outra oferecem sacrifícios a Deus: mas uma, sacrifícios gratos; a outra, desagradáveis.<sup>14</sup>*

A idéia das *Seis Idades da Vida* e do *Mundo*, que podemos encontrar em autores como Santo Agostinho e Isidoro de Sevilha, estrutura assim, o fluxo da *história da Igreja* narrada no *C Ap*. Seis períodos da história do mundo encontrariam seu final num tempo de repouso infinito, coincidindo a sétima idade com o último dia da Criação, no qual o próprio Deus repousou. No começo da sétima idade, os homens encontrariam seu repouso no além. Este esquema estabelecia uma correspondência perfeita entre a descida do Cristo na terra (a Sexta idade) e o sexto dia da Criação, aquele durante e o qual Deus “*Criou o homem à sua imagem e semelhança*”:

*(...) o mundo deverá terminar nos anos 6000, do que se deduz a idade do mundo, e para indicar o sétimo a ressurreição de todos os santos. E assim como o sexto dia fez o homem, e de suas costelas, que são as costas, foi feita a mulher, e destes dois cresceu e se encheu a terra, assim deve-se entender a Sexta Idade do mundo, como o sexto dia que nasceu o primeiro homem, Adão, da terra nova, assim também Cristo, o segundo Adão, nasceu de uma nova Virgem (...). E assim como da Costela de Adão, quando dormia, foi feita à mulher, e encheu-se a terra; assim também do*

<sup>13</sup> GURIEVICH, A. *Op. cit.* p. 80.

<sup>14</sup> BEATO DE LIÉBANA. *Comentário ao Apocalipse*. II, 220-225.

*segundo Adão, Cristo, dormindo do sonho da paixão, de sua costela, foi feita a Igreja, para encher a terra celeste do Paraíso (...).E assim como, acabado o sexto dia, nada vemos que haverá feito o senhor, se não cessou suas obras, e que descansou; assim também cremos que o sexto milênio – acabado ou não? – leve ao dia da ressurreição (...).*<sup>15</sup>

Todo este esquema carregava um simbolismo cristão que orientava a vida do homem preparando-o para o *Juízo Final*. A interpretação do Beato das idades da vida, não conhece a idéia de declínio, mas funde-se numa progressão contínua dos valores morais e espirituais, cujo apogeu coincide com a idade da velhice, a qual corresponde à época em que, percorrida o trajeto de penitência que deveria ser a vida de cada homem na terra, este nasceria como *novo homem*, ou seja, apto à viver junto a Deus. O sétimo dia, aquele em que Deus descansou, não encontra paralelo completo nas idades do homem sobre esta terra, mas remete-se ao repouso eterno após a morte.

Neste ínterim, o autor encaminha seus leitores/ouvintes a ver no batismo e na constante penitência – a adesão aos valores cristãos – a passagem de um modo de ser a outro, de uma existência a outra, que lhes garantiria a *Salvação*. Convém precisar que todos os rituais e simbolismos de *passagem*<sup>16</sup> exprimem uma concepção específica da existência humana: uma vez nascido, o homem ainda não estaria acabado; deveria nascer uma segunda vez, espiritualmente; e assim, tornar-se *homem completo* passando de um estado imperfeito, embrionário, a um estado perfeito – de uma *velha criatura* a uma *nova criatura*. Um homem só seria completo depois de ter ultrapassado e, em certo sentido abolido, sua humanidade “natural”, sua vida primeira, por meio da experiência da morte e ressurreição em Cristo, o que permitiria a ele renascer para uma vida superior - a vida cristã: (...) *crucificamos com Cristo o homem velho, para poder ser nele transformado em novos (...)*.<sup>17</sup>

Assim, a perspectiva da narrativa do *C Ap* aloca o ideal de humanidade num plano sobre-humano – a Igreja em sentido escatológico, constituída por um grupo de eleitos. Fazer parte desta comunidade significaria, na vida cotidiana do fiel, ao mesmo tempo, uma mudança religiosa e cultural. Seu intuito era fazer chegar às consciências, as exigências e as sanções da vida moral cristã. O *C Ap* significou, pois, uma contribuição por parte do autor, para a

<sup>15</sup> BEATO DE LIÉBANA. *Comentário ao Apocalipse*. IV, 95-110.

<sup>16</sup> Pode-se dizer que a existência humana chega à plenitude ao longo de uma série de ritos de passagem, em suma, de iniciações sucessivas. ELIADE, M. *Op. cit.* p. 147.

<sup>17</sup> BEATO DE LIEBANA. *Comentário ao Apocalipse*. IV, 100.

elaboração de uma cultura cristã ibérica elementar em uma região em que esta religião ainda confrontava-se com outras formas de compreensão do sagrado.